

O cuidado parental em tempos de migração laboral. Culturas e tecnologias de multiparentalidade na China rural do início do século XXI ^α

Gonçalo D. SANTOS 江紹龍

Universidade de Coimbra,
Centro de Investigação em Antropologia e Saúde,
Departamento de Ciências da Vida *

gsantos@uc.pt

<https://orcid.org/0000-0002-8508-4121>

Resumo

O que acontece quando jovens casais em zonas rurais deixam as suas aldeias para ir trabalhar para a cidade? Porque optam por deixar as suas crianças na aldeia sob o cuidado dos avós? Trata-se de uma forma de abandono parental, ou é uma estratégia coletiva de multiparentalidade construída em redor do ideal local da família indivisa patrilinear multigeracional? Baseado em trabalho de campo longitudinal de quase duas décadas, entre 1999 e 2018, numa comunidade rural na província de Guangdong, sul da China, este artigo mostra como a migração laboral dos mais jovens para a cidade foi sustentada pela resiliência de sistemas sociotécnicos tradicionais de partilha intergeracional dos deveres da parentalidade. Foi a reconfiguração destes sistemas de multiparentalidade que permitiu aos jovens casais migrantes encontrar formas de lidar com o duplo fardo do trabalho e da família, beneficiando de uma rede de apoio familiar estável num contexto de mobilidade crescente e insegurança generalizada. As novas formações de multiparentalidade emergentes continuam a colocar grande parte do trabalho de cuidado nas mulheres e continuam a depender de uma coligação parental entre

^α Este artigo inclui partes adaptadas do meu livro, *Chinese Village Life Today. Building Families in an Age of Transition*, capítulo 4. “Grandparents and Labor Migration. Technologies of Multiple Mothering”, publicado pela University of Washington Press em 2021.

* Professor Auxiliar de Antropologia Social-Cultural do Departamento de Ciências da Vida, Universidade de Coimbra, e Investigador Integrado e Coordenador do Grupo de Pesquisa “Tecnociência, Sociedade e Ambiente” do CIAS – Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, Universidade de Coimbra.

a geração mais velha e a geração do meio da família indivisa patrilinear, mas a geração do meio fortaleceu o seu poder económico, o que levou a um enfraquecimento da autoridade patriarcal da geração mais velha. Este declínio da autoridade da geração sénior tem sido acompanhado por uma tendência crescente para a externalização do cuidado dos avós para cuidadores e educadores profissionais sob a influência de novas visões de parentalidade e educação intensivas cada vez mais dominantes nos meios urbanos.

Palavras-chave: *parentalidade intensiva, multiparentalidade, relações intergeracionais, relações de género, sistemas sociotécnicos, reconfiguração de estruturas patriarcais*

Abstract

What happens when young rural couples leave their villages to work in the city? Why do they choose to leave their children in the village under the care of grandparents? Is this a form of parental abandonment, or is it a collective strategy of multiple parenting constructed around the ideal of the patrilineal multigenerational joint family? Based on two decades of longitudinal fieldwork, between 1999 and 2018, in a rural community in Guangdong province, southern China, this article shows how the labor migration of young couples to the city was sustained by the resilience of traditional socio-technical systems of intergenerational sharing of parental duties. It was the reconfiguration of these systems of multiple parenting that helped young migrant couples to find ways of dealing with the double burden of work and family, benefiting from a stable network of familial support in a context of increasing mobility and widespread insecurity. Newly emerged formations of multiple parenting continue to place a large share of the burden of care work on women and continue to depend on a parental coalition between the senior generation and the middle generation of the patrilineal joint family, but the middle generation strengthened its economic power, leading to a weakening of the patriarchal authority of the senior generation. This decline of the power of the senior generation has been accompanied by a growing trend towards the outsourcing of grandparenting to professional care workers and educators under the influence of new visions of intensive parenting and education that are increasingly dominant in urban areas.

Keywords: *intensive parenting, multiple parenting, intergenerational relationships, gender relations, sociotechnical systems, reconfiguration of patriarchal structures*

O cuidado parental, como o planeamento familiar, é uma parte importante do processo de “fazer pessoas”, isto é, o trabalho coletivo que está envolvido na reprodução biológica, social, e material da vida humana. Este artigo aborda o trabalho de parentalidade e de cuidado da criança como um “ensemble sociotécnico” (com múltiplos atores, artefactos, técnicas, instituições e ideais) que toma diferentes formas em diferentes contextos sob a influência de fatores sociais, políticos e culturais.¹ Baseado em trabalho de campo longitudinal de quase duas décadas, entre 1999 e 2018, numa comunidade rural na província de Guangdong, sul da China, este artigo explora a capacidade regenerativa de sistemas sociotécnicos tradicionais de partilha dos deveres da parentalidade – o que eu designo por *tecnologias de multiparentalidade* – em zonas rurais com fluxos elevados de migração laboral para a cidade. Em vez de assumir que o contacto crescente com a cidade resulta numa transição para modelos modernos de parentalidade intensiva centrados no ideal da família nuclear heteronormativa, a minha análise chama a atenção para a resiliência de modelos tradicionais de multiparentalidade construídos em redor do ideal da família indivisa patrilinear multigeracional.² Este artigo analisa a reconfiguração destes modelos tradicionais no período de Reforma e Abertura, a partir da década de 1980, sob a influência crescente de forças de globalização, urbanização, e reestruturação económica. Este processo de reconfiguração levou à emergência de novas estruturas de multiparentalidade que continuam a colocar grande parte do trabalho de cuidado nas

¹ Sobre a noção de “ensembles sociotécnicos” ver o trabalho de Wiebe Bijker (2010). O meu uso deste termo para conceptualizar o trabalho coletivo de cuidar de crianças é inspirado em abordagens feministas na área de estudos de ciência, tecnologia e sociedade (CTS ou STS), tais como Ruth Cowan (1983), Annemarie Mol (2008), e Annemarie Mol, Ingunn Moser, e Jeanette Pols (2015). A minha abordagem é compatível com uma tradição antropológica de estudo da parentalidade que aborda o cuidado de crianças em diferentes sociedades como um esforço coletivo que envolve vários atores, instituições, ideais, e artefactos, muito para além da ideologia moderna da família nuclear e de uma noção de parentalidade restrita à mãe e ao papá dessa unidade familiar heteronormativa (Mead e Wolfenstein 1955; Ward 1970; Topley 1974; E. Goody 1982; Stafford 1995; Rogoff 2003; Gottlieb 2009; Hrdy 2009; Constable 2018).

² O ideal da “família indivisa patrilinear” refere-se a uma visão corporativa da família com múltiplas gerações a viver, pelo menos idealmente, debaixo do mesmo teto. Só os rapazes que nascem na família podem ser herdeiros e garantir a continuidade da linha patrilinear da família; as raparigas têm de casar para fora e ser integradas na família dos seus maridos. A estrutura da família indivisa patrilinear inclui, tipicamente, três gerações: uma geração sénior de avós paternos, uma geração do meio com as unidades conjugais dos filhos-varão dos avós paternos, e uma geração júnior com os netos patrilineares dos avós paternos. Este ideal de família é ainda hoje muito saliente na China, mas nem sempre é alcançado. Tanto hoje como historicamente, são poucas as famílias indivisas patrilineares que se conseguem manter unidas com todas as gerações debaixo do mesmo teto. Todas as famílias indivisas têm de se separar eventualmente em unidades conjugais mais pequenas, mas nem todas conseguem ficar unidas a viver na mesma casa. Mesmo quando as unidades conjugais mais pequenas se autonomizam em casas separadas, elas mantêm entre si laços fortes de solidariedade, e estas obrigações partilhadas ajudam a concretizar o ideal imaginário da família indivisa patrilinear (Harrell n.d.; Cohen 1976; Skinner 1997, 2003; Santos 2009).

mulheres e continuam a depender de uma coligação parental entre a geração mais velha e a geração do meio da família indivisa patrilinear, mas a análise etnográfica destas formações de multiparentalidade mostra como a emancipação económica da geração do meio levou ao enfraquecimento da autoridade patriarcal da geração mais velha.

O meu primeiro encontro com estas novas formações de multiparentalidade ocorreu durante a minha primeira estadia, entre 1999 e 2001, na aldeia de Vale da Harmonia, no município de Flor Amarela, no norte da província de Guangdong.³ Passo a citar uma passagem das minhas notas de campo desse período que é ilustrativa deste primeiro encontro. Trata-se de uma conversa que teve lugar em janeiro de 2000, algumas semanas antes das celebrações do Ano Novo Lunar. Nesse dia, um avô com sessenta e cinco anos de idade, chamado Espírito Cintilante,⁴ explicou-me as suas ansiedades como cuidador principal das crianças do seu terceiro filho-varão e respetiva esposa, ambos ausentes a trabalhar na cidade:

Não posso ir a lado nenhum agora. As minhas filhas [que casaram para fora da aldeia de Vale da Harmonia] queixam-se frequentemente que nunca as visito, mas não tenho tempo. A minha terceira nora está a cuidar de uma empresa familiar de cultivo de legumes em Nanhai [perto da capital de província, Guangzhou, a cerca de 200 quilómetros a sul da aldeia], e ela pediu-me para tomar conta dos seus “pequenos mosquitos” (C: sai-man-jai 细蚊仔) [um termo afetivo local para crianças pequenas],⁵ pelo que não posso deixar as crianças sozinhas. Só

³ A minha primeira estadia na aldeia de Vale da Harmonia foi uma estadia de 14 meses entre 1999 e 2001 durante a qual residi em três agregados familiares diferentes e estive em contacto direto não apenas com pessoas que estavam no território físico da aldeia, mas também com trabalhadores migrantes que estavam a residir em cidades do Delta do Rio das Pérolas. Esta dimensão multisituada do meu trabalho intensificou-se com o passar dos anos, e as minhas visitas de retorno entre 2005 e 2018 envolveram uma experiência de mobilidade constante entre a zona ancestral da aldeia de Vale da Harmonia e as zonas residenciais dos trabalhadores migrantes na cidade. Com o crescimento da Internet e a popularização do uso de telemóveis e redes sociais, especialmente a partir de 2010, a minha metodologia tornou-se cada vez mais multimodal, envolvendo não apenas interações em modo presencial, mas também interações em modo virtual que continuam ainda hoje através de plataformas e redes sociais.

⁴ Os nomes de pessoas e lugares referentes ao município onde realizei trabalho de campo longitudinal no norte da província de Guangdong são pseudónimos. Escolhi pseudónimos em português, e não em chinês romanizado, para facilitar a leitura e para tentar capturar um pouco da riqueza semântica das práticas de nomeação locais.

⁵ Este termo foi transcrito no idioma local cantonense que é ainda hoje a principal língua regional utilizada pelos habitantes desta zona rural no norte de Guangdong. Grande parte das palavras e expressões chinesas

tenho quatro netos agora. Em anos anteriores, estive também a tomar conta das quatro crianças da minha segunda nora, mas o pai delas voltou para a aldeia o ano passado. A minha mulher está a tomar conta das oito crianças da nossa quarta e quinta nora, incluindo alguns bebês. Vivemos em casas separadas: eu fico na casa do nosso terceiro filho e ela na casa do nosso quarto filho... Tomar conta de crianças é uma grande trabalhadeira.... Sinto-me mais descansado quando a mãe das crianças está por perto [cerca de três a quatro vezes por ano].

Naquela altura, início da década de 2000, uma parte significativa da população da aldeia de Vale da Harmonia já dependia economicamente da migração laboral para a região altamente urbanizada e industrializada do Delta do Rio das Pérolas, e já havia um padrão claro de migração laboral: os jovens solteiros (homens e mulheres) eram operários não qualificados em fábricas localizadas em zonas periurbanas, e os casais jovens procuravam formar as suas próprias empresas familiares de produtos hortícolas em terras alugadas nessas mesmas áreas. Este padrão tem vindo a intensificar-se nas últimas duas décadas na aldeia de Vale da Harmonia e em todo o município de Flor Amarela, e a prática de migração laboral é hoje a principal fonte de rendimento familiar para a maioria da população local. Este modo de vida errante na cidade fez com que muitos pais trabalhadores migrantes optassem por deixar as suas crianças na aldeia sob o cuidado dos avós, levando à emergência de tensões intergeracionais dentro da família patrilinear. Na mesma conversa de meados de janeiro de 2000, Espírito Cintilante contou-me uma história que ilustra estas tensões:

Há uns dias, um dos colegas de turma da escola primária do meu neto magoou-se com severidade... No dia do incidente, a avó do

citadas neste artigo estão no idioma local cantonense, indicado pelo símbolo (C), sendo transcritas com o sistema de romanização de Yale sem indicação de tonalidade para facilitar a leitura. O cantonense é uma das principais línguas do grupo Yue da família linguística chinesa, fazendo parte do tronco linguístico Sino-Tibetano. O cantonense conta com mais de 85 milhões de falantes nativos que estão principalmente localizados na província de Guangdong, nas regiões administrativas de Hong Kong e Macau, assim como em comunidades diaspóricas internacionais no Sudeste da Ásia, América do Norte, Europa e Austrália. O artigo inclui algumas palavras e expressões chinesas citadas em chinês padrão (mandarim padrão), a língua oficial da República Popular da China. Estas palavras e expressões em chinês padrão são indicadas com o símbolo (CP) e são transcritas com o sistema de romanização oficial Hanyu Pinyin.

rapaz [uma mulher analfabeta da aldeia de cinquenta e oito anos] saiu de casa de manhã bem cedo... para ir à montanha procurar lenha para o fogão da cozinha. [Nessa manhã] o rapaz de seis anos caiu de uma árvore e partiu a perna. O rapaz eventualmente recuperou, mas a conta do hospital foi mais de ¥30,000 [cerca de €3,750 EUR em 2000] e faliu a família. Os pais do rapaz voltaram à aldeia logo que receberam as más notícias no seu dispositivo pager. (...) A mãe do rapaz [uma mulher de trinta e um anos, também analfabeta] repreendeu a sua sogra em público por não cuidar bem do neto. A mãe do rapaz disse que ela e o marido estavam longe da aldeia a trabalhar arduamente para ganhar dinheiro e que não era fácil estar longe das crianças... Afirmou que não entendia por que razão a sua sogra tinha saído da aldeia para ir à montanha, uma vez que hoje em dia se podiam comprar sacos de lenha já seca nas lojas locais. E concluiu que ir à montanha para apanhar lenha era uma prática antiquada [que deve ser abandonada], referindo-se repetidamente à sua sogra como uma “velha estúpida.”

Para Espírito Cintilante, a mãe do rapaz não devia ter responsabilizado a sua sogra pelo incidente porque esta última está sozinha em casa a tomar conta de muitos netos e não lhe é dado dinheiro suficiente para tomar conta das crianças. Mas “a maioria das pessoas, que ouve a história deste incidente, culpa a velhota, e ninguém censura a nora por não ter mostrado respeito pela sua sogra... [É por isso que prefiro] ficar em casa sempre que possível. Se alguma coisa acontecer aos meus netos durante a minha ausência, todos vão dizer que a culpa é minha, e vou ficar numa situação difícil com a minha nora. Ela é a chefe [quem manda em casa] (...) pelo que prefiro ter cuidado. Os antigos têm um ditado: uma só distração [pode causar] um milhar de arrependimentos [C: *yat chi sat juk chin gu han*, 一次失足千古恨].”

Em 2000, já havia muitas crianças, como o rapaz mencionado na história de Espírito Cintilante, que tinham sido deixadas na aldeia pelos pais migrantes sob o cuidado dos avós paternos. Na altura, a taxa de fertilidade da aldeia já se encontrava em declínio

acelerado sob a influência da política nacional de controlo da natalidade, mas a maior parte dos casais da aldeia ainda estava a ter pelo menos três crianças. Isto significa que não era incomum ver avós na aldeia a tomar conta de três ou mais netos. É possível olhar para este envolvimento normalizado dos avós no trabalho quotidiano de cuidar de crianças como um sistema sociotécnico de multiparentalidade que tem a sua própria história e lógica de funcionamento, mas não tem sido essa a posição política e culturalmente dominante na sociedade chinesa, pelo menos desde a década de 2000, quando foi cunhado o termo “crianças deixadas para trás” (CP: *liushou ertong*, 留守兒) para se referir a crianças de trabalhadores migrantes, não como crianças que estão a viver no ambiente mais protegido da aldeia, sob o cuidado de figuras parentais de substituição de confiança, mas como crianças que foram abandonadas pelos pais (biológicos / legais) e que, por isso, estão expostas a todo um conjunto de vulnerabilidades socioafetivas e educativas.

Para Além do Paradigma das “Crianças Deixadas para Trás”

A popularidade do termo “crianças deixadas para trás” foi consolidada ao longo da década de 2000 quando a comunicação social oficial começou a publicar notícias frequentes sobre crianças de trabalhadores migrantes que enfatizavam a sua condição de vulnerabilidade e abandono parental. Com o uso crescente da Internet e das redes sociais a partir da década de 2010, a circulação deste tipo de discursos normativos foi significativamente ampliada a nível nacional, tornando ainda mais dominante a ideia de que estamos perante um problema social grave que precisa de ser urgentemente erradicado (Duan e Yang 2008; Nie et al. 2008). A situação das “crianças da grande migração da China” (Murphy 2020) é considerada como particularmente preocupante devido à escala do fenómeno. Um estudo influente de 2003 produzido pela *Federação Nacional de Mulheres da China* mostrou que existem pelo menos 61 milhões de “crianças deixadas para trás” nas zonas rurais do país (FNMC 2013), e um relatório anual da UNICEF, publicado em 2020, coloca o número de crianças deixadas para trás, por um ou ambos os pais devido a migração laboral, em cerca de 69 milhões – o que representa cerca de um quarto das crianças da nação e quase um terço das crianças rurais (UNICEF 2020).

Alguns estudos afirmam que 15 por cento das “crianças deixadas para trás” não conseguem ver os seus pais, em média, pelo menos uma vez por ano.⁶

Estas estatísticas são impressionantes, mas não se pode assumir *a priori* que estas crianças foram abandonadas pelos seus pais (legais / biológicos). Tudo depende da qualidade do apoio parental prestado pelos avós e outros familiares próximos nas aldeias, mas há poucos estudos qualitativos detalhados sobre esta questão. A escala do fenómeno de migração rural-urbana justifica a preocupação crescente com o bem-estar das crianças de trabalhadores migrantes, mas a emergência de discursos normativos que se referem *a priori* a estas crianças como crianças abandonadas e “deixadas para trás” está intimamente ligada a mudanças importantes em conceptualizações de família e de parentalidade em toda a China, especialmente em contextos urbanos, onde ocorreu um declínio acentuado da fertilidade e surgiram novas ideologias de parentalidade intensiva.⁷ A ascensão destas novas ideologias de parentalidade intensiva foi encorajada por uma nova geração de peritos de psicologia e educação infantil, à luz de tendências internacionais, mas também foi ativamente promovida pelo governo chinês, como parte de um conjunto de políticas públicas desenvolvimentistas que procuraram redefinir os contornos da família e da parentalidade na nova “civilização socialista chinesa” do período pós-Reforma. De acordo com este novo paradigma de parentalidade intensiva, os pais (biológicos / legais) de uma criança (especialmente a mãe) devem estar ativamente envolvidos no trabalho quotidiano de educação da criança como parte de um agregado familiar nuclear (heteronormativo). Deixar uma criança “para trás” sob o cuidado de avós ou outros familiares é considerado uma forma de negligência que deve ser criticada.

Estes discursos de parentalidade / maternidade intensiva começaram a tornar-se influentes nos anos 1990 em contextos urbanos, mas continua a existir uma lacuna profunda entre discursos e práticas de parentalidade. Se é verdade que o discurso normativo da parentalidade intensiva se tornou bastante popular entre a classe média urbana nas últimas décadas (Kuan 2015; Choi e Peng 2016; Zhong 2019), especialmente entre mães (Harrell e Santos 2017; Zhong 2019), também é verdade que as famílias de classe média urbana continuam a delegar os deveres parentais em vários cuidadores fora

⁶ Ver Chinanews.com 2015. Para uma discussão mais aprofundada, ver Murphy 2020.

⁷ Ver, por exemplo, Jing 2000; V. Fong 2004; Gottschang 2007, 2018; Kipnis 2011; Kuan 2015; Naftali 2016; Harrell e Santos 2017; Zhong 2019. Sobre a origem de ideologias globais de parentalidade e maternidade intensiva, ver Ehrenreich e English 1979; Badinter 1981; Hardyment 1995; Hays 1996; Furedi 2002; Douglas e Michaels 2004; Warner 2006; Faircloth, Hoffman, e Layne 2013.

da unidade conjugal, incluindo não apenas avós e familiares próximos, mas também cuidadores profissionais como ajudantes domésticos (Goh 2011; Kuan 2015; Zhong 2019).⁸ Isto significa que a análise da crescente popularidade de discursos de parentalidade intensiva nas cidades tem de tomar em consideração estas tensões entre discursos e práticas de parentalidade, bem como a forma como estas tensões estão em constante transformação. Estas transformações não são unilineares e envolvem lutas de poder e negociações complexas (Bourdieu 1977, 1980, 1992; Ortner 1995, 2006) que podem levar a uma mudança mais radical na configuração e no modo de funcionamento do sistema sociotécnico de parentalidade dominante.

Estas considerações teóricas são relevantes para analisar o crescente engajamento com discursos normativos de parentalidade intensiva em contextos rurais, mas é preciso adicionar aqui algumas qualificações. Em contextos rurais como Flor Amarela, ao contrário de zonas urbanas, o regime Maoísta (1949-1976) não conseguiu desenvolver uma rede pública de instituições como berçários, creches e infantários (Stockman, Bonney e Sheng 1995: 144–45), pelo que as trabalhadoras rurais com crianças tiveram de continuar a depender do apoio dado pelas suas sogras e outros membros da família indivisa patrilinear para conseguirem cuidar das suas crianças sem negligenciar o trabalho agrícola nos campos. Com o início do processo de descoletivização no final dos anos 70, a geração sénior da família indivisa patrilinear continuou a ser a principal fonte de apoio no trabalho quotidiano de cuidar de crianças, e este trabalho reprodutivo continuou a ser moldado por ideologias locais de família que encorajavam os casais a ter muitas crianças, especialmente filhos-varão para garantir a continuidade da linha patrilinear da família e seus grupos de descendência. O início da política nacional de controlo da natalidade entrou em conflito com estes ideais tradicionais a partir de 1979, mas em municípios rurais como Flor Amarela a mudança foi muito lenta e as famílias locais continuaram a ter várias crianças e a favorecer filhos-varão.

Foi neste regime demográfico de alta fertilidade que emergiram as estruturas de multiparentalidade descritas por Espírito Cintilante para lidar com os desafios do trabalho reprodutivo em tempos de migração laboral. Ao contrário de cidades como Guangzhou, onde a implementação da política de uma só criança, a partir de 1979, levou à emergência

⁸ Existe uma vasta literatura sobre práticas de multiparentalidade na China contemporânea que envolvem a participação de avós ou outros familiares próximos. Ver, por exemplo, Goh 2011; Silverstein, Cong, e Li 2006, 2007; Z. Cong e Silverstein 2012; F. Chen e Liu 2012; F. Chen, Liu e Mair 2011.

de estruturas de multiparentalidade construídas em redor de uma só criança apenas e envolvendo a participação de quatro avós (do lado paterno e materno), em zonas rurais, como Flor Amarela a persistência de ideais tradicionais de família e de patrilinearidade conduziu ao desenvolvimento de estruturas de multiparentalidade construídas em redor de várias crianças e envolvendo apenas a participação dos dois avós do lado paterno. O trabalho de cuidar de crianças nestes dois modelos de multiparentalidade está igualmente nas mãos de uma coligação multigeracional liderada pelas mulheres da família, uma espécie de figura maternal multigeracional que designo por “mãe múltipla” (Santos 2004: 215–62),⁹ mas o modelo de Flor Amarela é mais androcêntrico, no sentido em que as famílias continuam a favorecer filhos-varão e só os dois avós do lado paterno estão envolvidos.

Tradicionalmente, a função desta figura maternal multigeracional em zonas rurais, como Flor Amarela, era criar uma estrutura de apoio para ajudar a mãe da criança a realizar as suas tarefas reprodutivas sem negligenciar as suas responsabilidades produtivas.¹⁰ O meu uso do termo “ajudar” aqui pode ser enganador (Brown 2017). Na China pré-revolucionária (antes de 1949), e até mesmo na China Maoísta (1949-1976), este tipo de formações maternais múltiplas não eram apenas estruturas de entreaajuda; também eram instâncias de exploração patriarcal. Apesar de a sua existência poder ser conceptualizada como uma celebração do poder feminino, estas formações de entreaajuda estavam assentes numa definição convencional do trabalho reprodutivo como trabalho de mulheres e o seu modo de funcionamento contribuía para reforçar a autoridade das sogras e da geração sénior dentro da família. Estas duas características sugerem que estamos perante formações opressivas que remetem para o sistema clássico de organização hierárquica de relações domésticas que os antropólogos designam por patriarcado e que inclui múltiplos eixos de desigualdade (de género, de geração, entre outros) (Harrell e Santos 2017), e este artigo mostra como estas formações patriarcais foram reconfiguradas, a partir dos anos 1980, para permitir o envolvimento das mulheres e suas

⁹ O tema da “maternidade múltipla” tem uma longa história cultural na China, com ligações profundas ao sistema de poliginia do período imperial. Ver Bray 2009 para uma análise de discursos médicos e noções de maternidade múltipla no período imperial tardio.

¹⁰ Ver os trabalhos de Francesca Bray (1997, 2013), Gail Hershatter (2011), Jacob Eyferth (2009), e Hill Gates (2015) para uma crítica da negligência das atividades produtivas das mulheres em estudos históricos convencionais da China do período imperial tardio. Francesca Bray (1997: 270) sugere mesmo que este enviesamento historiográfico pode ser explicado pela “predileção cultural ocidental por construir a identidade feminina em redor da reprodução biológica e do seu controlo.”

famílias num modo de vida pós-agrário, cada vez mais dependente de migração laboral para a cidade. Como veremos, este processo de reconfiguração só foi possível graças a uma mudança importante num dos eixos estruturantes da ordem patriarcal “clássica”: as relações de poder entre gerações.

O incidente que abre este artigo reflete esta mudança radical no balanço do poder entre gerações. É verdade que tanto na China pré-revolucionária (antes de 1949) como no período Maoísta (1949-1976) já ocorriam conflitos entre noras e sogras, mas o conflito entre nora e sogra descrito por Espírito Cintilante revela um declínio significativo da autoridade da geração sénior dentro da família indivisa patrilinear. Como noutras partes da China rural, esta reestruturação da ordem patriarcal “clássica” foi iniciada por reformas radicais e campanhas políticas no período Maoísta (1949-1976), mas foi apenas na década de 1980 que essa reestruturação foi acelerada. A migração laboral para a cidade permitiu à geração adulta mais jovem “libertar-se” das convenções locais e reivindicar a sua superioridade económica e a sua posição de poder em relação à geração sénior. Este processo levou à emergência de novas formações de multiparentalidade, nas quais a geração sénior (os avós paternos das crianças) tem a seu cargo o trabalho parental de cuidar das crianças e a geração do meio (os pais das crianças) reclama para si mesma o trabalho parental de sustentar a família, o que a coloca numa posição de poder. Como veremos, a emergência desta nova divisão do trabalho entre gerações foi acompanhada de um processo gradual de externalização da parentalidade para instituições e serviços especializados fora da família. Estas instituições e serviços começaram a assumir algumas das responsabilidades de cuidado e educação dos pais e dos avós, porque os primeiros estão ocupados a trabalhar na cidade para sustentar a família, e os últimos são considerados demasiado velhos e “antiquados” para serem bons educadores.

Família, Reprodução e Linhagem nas Colinas do Norte de Guangdong

O primeiro passo para entender as novas estruturas de multiparentalidade das famílias de Vale de Harmonia na era da migração laboral é analisar a cultura local de família e reprodução. A aldeia de Vale da Harmonia fica localizada no município de Flor Amarela, numa zona montanhosa, no norte de Guangdong, que é frequentemente elogiada por turistas urbanos pela beleza intemporal da sua paisagem rústica de campos de arroz, mas esta impressão de imutabilidade é em grande parte uma ilusão. Como vimos, a

população local está a mover-se continuamente entre o campo e a cidade, mas grande parte dos trabalhadores migrantes de Flor Amarela mantém ligações fortes à sua terra natal (Fei 1948). Esta ligação à terra natal remete para um complexo de valores éticos e significados culturais que continua a moldar o comportamento e a formatar um sentimento de identidade coletiva. Este sentimento de apego ajuda a explicar porque é que os trabalhadores migrantes continuam a investir as suas poupanças no município de Flor Amarela, seja para construir casas novas para a família, seja para adquirir todos aqueles bens materiais que fazem parte dos padrões locais daquilo a que o sociólogo Thorstein Veblen ([1899] 1934, chap.3) designa por “decência pecuniária”. Mas este investimento na terra natal também passa pela patronagem de práticas rituais tradicionais de construção de comunidade, incluindo rituais coletivos de adoração de antepassados e de celebração de linhagens locais.¹¹

Grande parte das aldeias do município de Flor Amarela são aldeias de linhagem ou grupos de descendência patrilinear localizados que têm um território comum e praticam rituais coletivos de adoração de antepassados. Nestas aldeias, as famílias querem ter rapazes porque só estes podem dar continuidade à linha patrilinear da família e da aldeia; as raparigas têm de casar para fora e ser integradas no grupo de descendência dos seus maridos. Estas estruturas de parentesco são organizações rituais e políticas que têm uma longa história no sul da China, mas as suas atividades foram oficialmente banidas durante grande parte do período Maoísta (1949-1976). Estas estruturas linhageiras estão associadas a uma noção de família que encoraja os casais locais a ter muitas crianças, sobretudo crianças masculinas para dar continuidade aos seus grupos de descendência patrilinear (Wolf 1972, 1985; J. Watson e R. Watson 2003). Esta visão androcêntrica e pró-natalista da família nunca deixou de ser influente em Flor Amarela, mesmo durante o período Maoísta, e acabaria por ser reforçada, a partir da década de 1980, com o ressurgimento das atividades das estruturas linhageiras locais e suas práticas rituais de adoração de antepassados. Este estado de coisas só viria a ser alterado de forma mais substancial, a partir do final da década de 1980, com o impacto crescente da Política de Controlo da Natalidade (Harrell et al. 2011; Santos 2016, 2021).

Lançada a nível nacional em 1979, a Política de Controlo da Natalidade só começaria a ser vigorosamente implementada no município de Flor Amarela em 1988, tomando a

¹¹ Santos 2006, 2011, 2013, 2016; Santos e Donzelli 2009. Ver Potter e Potter 1990; Ku 2003; Oxfeld 2010, 2017 para processos similares de revitalização ritual noutras partes do sul da China.

forma de uma política relativamente flexível de “duas a três crianças”. Apesar de ser mais permissiva do que a política de uma só criança implementada em grandes cidades como Guangzhou, a política de duas a três crianças de Flor Amarela entrou claramente em conflito com os ideais reprodutivos das formações linhageiras locais, gerando níveis de descontentamento popular bastante altos. As empresas hortícolas dos trabalhadores migrantes de Flor Amarela na cidade tiveram um papel importante em estratégias locais de resistência. Estas empresas ofereciam às mulheres grávidas de Vale da Harmonia um lugar seguro para fugir à monitorização dos oficiais da Política de Controlo da Natalidade e para dar à luz às escondidas “crianças não planeadas”. Além disso, estas empresas hortícolas constituíam uma fonte importante de rendimentos que permitiu a muitos casais de Vale da Harmonia ganhar dinheiro suficiente para pagar as multas que lhes eram cobradas por cada “nascimento não planeado”, multas essas que não pararam de crescer ao longo da década de 1990. No final da década de 1990, dar à luz “crianças não planeadas” já se tinha tornado numa prática extremamente dispendiosa em termos monetários. O rapaz que partiu a perna na história de Espírito Cintilante é um terceiro filho-varão que custou à sua mãe muito dinheiro devido ao pagamento de uma multa muito elevada às autoridades locais de controlo da natalidade, isto para não referir outro tipo de custos não monetários como o facto da mãe ter sido sujeita a esterilização forçada após o nascimento desse rapaz.

Nas últimas duas décadas ocorreram mudanças significativas nas práticas reprodutivas das comunidades rurais locais, mas também há continuidades importantes. A maioria dos casais jovens de aldeias como Vale da Harmonia continua a enfatizar a importância de ter crianças, especialmente herdeiros masculinos, mas a maioria destes casais não tem mais do que duas crianças. Uma razão importante para esta mudança é a política local de controlo da natalidade se ter tornado cada vez menos permissiva entre 2000 e 2015. Outra razão tem a ver com mudanças ao nível de ideais reprodutivos no mesmo período. A maioria dos casais com quem falei disse que gostaria de ter pelo menos um filho, mas que o ideal seria um filho e uma filha. Alguns ficariam felizes em ter apenas filhas, mas queixam-se da pressão social por parte da família e amigos para que tenham pelo menos um filho-varão, uma situação que é bastante diferente da que foi encontrada pela antropóloga Lihong Shi (2017) em zonas rurais da província de Liaoning, pois nesta região a prática de ter filhos-varão e casá-los tornou-se tão custosa em termos económicos que a opção de ter apenas uma filha é cada vez mais aceite.

Apesar da redução significativa no número de crianças por casal nas últimas décadas, o trabalho de criar crianças continua a ser central no município de Flor Amarela. Tal também é verdade em cidades grandes como Guangzhou, mas as mulheres das cidades estão a casar-se mais tarde e a ter crianças apenas aos trinta anos de idade ou ainda mais tarde, apesar de toda a gente continuar a invocar o ideal cultural de ter crianças cedo (J. Zhang 2017, 2019; Zhang e Sun 2014). Em zonas rurais como Flor Amarela, este ideal cultural de ter crianças cedo não é apenas um discurso, mas é a prática dominante. A maioria das raparigas locais desiste da escola entre o fim da escolaridade primária (sexto ano) e o fim da escolaridade secundária básica (nono ano) e depois desloca-se para a cidade e começa a trabalhar em fábricas ou numa empresa antes de se casar. Grande parte casa-se no início dos seus vinte anos de idade (normalmente com alguém do mesmo município ou de um município vizinho) e dá à luz as suas crianças nos primeiros dez anos do casamento sem abandonar o trabalho na cidade. Esta dupla preocupação com a família e o trabalho faz com que alguns casais prefiram estabelecer a sua própria empresa familiar na cidade, por exemplo de produtos hortícolas, para facilitar a integração dos seus deveres produtivos com o cuidado de múltiplas crianças, mas nem todos os casais migrantes o conseguem fazer; e gerir uma empresa agrícola é um trabalho intensivo, pelo que há a questão de quem toma conta das crianças enquanto os pais estão a trabalhar.

Migração Laboral e Tecnologias de Multiparentalidade

Espírito Cintilante contou-me, em meados de janeiro de 2000, o quão ocupados estavam ele e a sua esposa a tomar conta de dezasseis netos (patrilaterais). Nessa altura, nem todos os avós da aldeia estavam a cuidar de tantos netos, mas era bastante comum ver avós como Espírito Cintilante e sua esposa a assumir o papel de cuidadores de netos a tempo inteiro. Mais de 50% da população adulta da aldeia estava a trabalhar longe de casa, incluindo muitos pais trabalhadores migrantes que tinham preferido deixar as suas crianças na aldeia sob o cuidado dos avós. Esta tendência intensificou-se ao longo da década de 2000, e no decurso das minhas visitas à região durante este período fui confrontado com muitas aldeias onde apenas viviam avós e netos. A mulher de Espírito Cintilante, Irmã Palmeira, explicou-me este fenómeno durante uma conversa em 2005:

Quando casei para esta aldeia [por volta de 1960], trouxe comigo um filho e uma filha de [dois] casamentos anteriores [os

dois maridos anteriores da Irmã Palmeira faleceram prematuramente]. [No meu terceiro casamento] dei à luz a mais quatro filhos e duas filhas. Hoje tenho mais de setenta anos e tenho cinco noras e vinte e um netos [patrilaterais] – onze netos e dez netas. Sem o apoio da geração mais velha, os nossos filhos e noras nunca conseguiriam sair da aldeia para ganhar dinheiro [para a família], e sem esse dinheiro, eles nunca conseguiriam ter tantas crianças ou construir tantas casas novas. Hoje em dia, casar e ter crianças é bastante caro, e construir uma casa nova (...) [também]... É preciso ir trabalhar para a cidade para conseguir ter rendimentos suficientes, mas nós somos muito velhos para fazer isso. Os nossos filhos e noras saem da aldeia para ganhar dinheiro; nós ajudamos a cuidar das crianças. Eu dei banho a todos os meus netos quando as minhas noras estavam a “sentar o mês” [o período de convalescença depois do parto], e carreguei todos os meus netos nas minhas costas [com o apoio de uma bolsa porta-bebês] antes de começarem a andar por si mesmos [normalmente por volta dos dois ou três anos] ... As mães querem ficar perto das suas crianças, mas isto nem sempre é possível porque as mães precisam de trabalhar arduamente na cidade nas suas empresas hortícolas [ou em fábricas], e o ambiente da cidade não é bom para as crianças. Quando as crianças começam a caminhar por si mesmas, ou até mesmo antes disso, as mães preferem deixar as crianças na aldeia. Nós tomamos conta das crianças, alimentamo-las, e certificamo-nos que se portam bem e que vão à escola.

Estes arranjos sociotécnicos de parentalidade por substituição reinventam o sistema sociotécnico de multiparentalidade desenvolvido por gerações anteriores. A avó Irmã Palmeira continuou a explicar:

Quando tive as minhas crianças [na aldeia nos anos 1960 e 1970], tive de tomar conta delas em larga medida sozinha porque não tinha sogra [Espírito Cintilante perdeu os seus pais quando era muito novo]. Tudo era mais difícil sem uma sogra, mas tinha mais liberdade. Nesses tempos, a geração mais velha ainda tinha muita autoridade na família, e as sogras eram frequentemente as responsáveis pela gestão dos assuntos domésticos... As crianças eram cuidadas pela mãe [C: a-me, 阿嬤] sob a orientação da “mãe velha” [C: lou-ma, 老妈] ou a avó paterna]. As meninas com cinco ou seis [anos] normalmente começavam a tomar conta dos seus irmãos mais novos. A minha filha mais velha ajudou-me a tomar conta dos mais novos, e quando eu era uma criança pequena, ajudei a minha mãe e avó a tomar conta dos mais novos. Nesses tempos, era importante ter muitas pessoas à nossa volta para ajudar a tomar conta de crianças, pois tornava-se mais fácil

a gestão coordenada do trabalho em casa e do trabalho nos campos. Se uma nora precisasse de alguém para tomar conta das suas crianças, enquanto ela estava a trabalhar nos campos, podia sempre pedir o apoio da sua sogra ou outros parentes próximos na sua equipa de produção. É claro que este apoio não era tão crucial como é hoje porque as mães dessa altura não precisavam de ir trabalhar para a cidade e o trabalho nos campos da aldeia não era tão intensivo como o trabalho em fábricas ou em empresas de cultivo de legumes na cidade.

Quase todas as pessoas de Flor Amarela foram criadas por um pequeno exército de cuidadores sob o controlo de duas figuras maternas principais, a mãe (legal / biológica) e a avó (paterna), e envolvendo a participação de todo um conjunto de pessoas, materiais, ideais e artefactos com configurações diversas dependendo da família e da aldeia. Estas estruturas de multiparentalidade constituem uma espécie de dispositivo tecnológico ou sistema sociotécnico cujo principal objetivo é apoiar as mães jovens da família indivisa patrilinear a lidar com o trabalho reprodutivo de cuidar de crianças sem interromper totalmente as suas atividades produtivas dentro e fora de casa. Os avós paternos (especialmente as avós paternas) são atores importantes neste processo. Nas décadas de 1960 e 1970 (quando as crianças de Irmã Palmeira nasceram), tal como nas décadas de 1930 e 1940 (quando a própria Irmã Palmeira era uma criança), era bastante comum ver avós paternas (sogras) a dar apoio ao trabalho reprodutivo de mães (noras) que tinham de trabalhar nos campos, mas este apoio era menos crítico do que é hoje. Na era da migração laboral em massa, ter ambos avós paternos vivos e disponíveis para dar apoio a tempo inteiro ao trabalho parental de cuidar de crianças tornou-se um recurso crítico. Os pais / mães que carecem deste recurso têm as suas estratégias de migração laboral significativamente restringidas.¹² Esta era a situação de casais como Ouro Cintilante e Irmã Lua Cheia, na aldeia de Vale da Harmonia, até ao final da década de 1990, quando esta última decidiu deixar o seu marido na aldeia para ir procurar emprego na cidade com o seu filho mais velho. Alguns casais locais conseguem obter o apoio de avós maternos, mas esta situação ainda é bastante rara na região de Flor Amarela e é normalmente um arranjo de apoio adicional e complementar.

¹² Ver também Silverstein, Cong e Li 2006, 2007; Cong e Silverstein 2012. Em toda a China, incluindo zonas urbanas, os avós são geralmente considerados uma fonte de apoio crucial que permite à geração do meio lidar de uma forma mais equilibrada com o “fardo duplo” do trabalho e da família.

Esta dependência da geração sénior pode ser vista como um reflexo de falta de apoio estatal e institucional. Os pais trabalhadores migrantes que vivem nas cidades não têm acesso a serviços sociais de apoio ao cuidado de crianças, e a maior parte não tem dinheiro para pagar cuidados infantis. Para estes pais, a família indivisa patrilinear continua a ser a fonte principal de apoio. Em contextos urbanos também, os avós são a fonte preferencial de apoio para os pais de classe média na era da política de uma só criança e na sequência da privatização do sector de cuidado infantil a partir dos anos 1980 e 1990 (Du e Dong 2013). Nesta nova conjuntura política, emergiu nas cidades um novo modelo normativo de multiparentalidade com quatro avós (paternos e maternos) e dois pais (biológicos / legais) a cuidar de uma só criança (Goh 2011). Na prática, nem sempre vamos encontrar quatro avós a cuidar de uma só criança – por vezes podemos ter apenas duas avós ou mesmo uma só avó – mas a equação 4:2:1 aponta para um modelo normativo de divisão intergeracional do trabalho de parentalidade. Este modelo de multiparentalidade tornou-se popular nas cidades durante as décadas de 1980 e 1990 sob a influência da Política de Uma Só Criança, e mantém-se popular ainda hoje, no início dos anos 2020, mas agora com mais crianças, sob a influência de um novo enquadramento político de encorajamento da natalidade.

Em paralelo com a popularidade crescente deste modelo de multiparentalidade nas cidades, existe uma tendência para o que a antropóloga Hong Zhang (2017) chama a “terceirização [do trabalho parental] dos avós” (no original, *outsourcing of grandparenting*). Nas cidades, este processo de externalização é uma tentativa de reduzir o trabalho parental dos avós (paternos e maternos). Este fenómeno é particularmente saliente em grandes cidades como Guangzhou entre famílias de classe média (Zhong 2019) e é motivado por várias razões. Uma delas tem a ver com os pais da geração do meio quererem mostrar que são bons filhos/as e que por isso preferem recrutar serviços de apoio como educadores profissionais a sobrecarregar a geração mais velha com tarefas educativas (H. Zhang 2017). Outra razão decorre da falta de disponibilidade dos próprios avós em face do número crescente de atividades extracurriculares do regime de educação intensiva das crianças (H. Zhang 2017). Uma terceira razão é a crescente influência de ideologias oficiais de parentalidade intensiva que promovem a ideia que a geração sénior é demasiado velha para cuidar das crianças de forma adequada. Esta ideia também é veiculada pelos professores das crianças que dizem aos pais que a geração sénior não é qualificada e que são os pais (as mães em particular) que têm de assumir a

responsabilidade pelo trabalho de supervisionar a educação das suas crianças (Zhong 2019). Os avós podem fazer tarefas não exigentes como ir buscar as crianças à escola, mas não podem ser responsabilizados por tarefas mais complexas como ajudar as crianças a fazer os trabalhos de casa. Neste contexto de parentalidade e educação intensiva, é aceitável pedir ajuda à geração mais velha, mas atribuir demasiadas tarefas ou atribuir tarefas demasiado complexas aos avós é visto como um ato de negligência parental.

A geração do meio, das famílias de municípios rurais como Flor Amarela, também está preocupada em reduzir o envolvimento da geração mais velha no trabalho quotidiano de cuidar de crianças, mas as estruturas de multiparentalidade destas zonas rurais são diferentes das de cidades como Guangzhou. As estruturas de multiparentalidade de Flor Amarela também são centradas numa coligação multigeracional, mas não seguem o modelo 4 (avós): 2 (pais): 1 (criança). As famílias locais têm várias crianças ou “pequenos mosquitos”, não apenas uma só criança (ou poucas crianças), e os pais dos “pequenos mosquitos” são apoiados apenas por dois avós paternos, e não por quatro avós paternos e maternos, porque o modelo de família de Flor Amarela mantém-se fortemente patrilinear e patrilocal. Como só há dois avós paternos a tomar conta de muitas crianças, isto significa que os avós nem sempre conseguem dar conta do recado e aqueles que estão à altura do desafio têm de gerir muito bem o seu tempo. Como vimos, avós paternos como Irmã Palmeira e Espírito Cintilante tiveram de dividir muito bem entre si o trabalho parental de cuidar dos seus netos, vivendo em casas diferentes para tomar conta de diferentes conjuntos de netos.

Tive oportunidade de falar com várias mães trabalhadoras migrantes da aldeia, entre 2005 e 2018, e todas elas afirmaram que gostariam de estar perto das suas crianças, mas não podiam por causa do trabalho, pelo que preferem deixar as crianças na aldeia sob o cuidado da geração mais velha. Algumas mães também me disseram que colocar as crianças sob o cuidado da geração mais velha é uma boa estratégia porque os mais velhos têm experiência e têm tempo para tomar conta das crianças a tempo inteiro. Esta dependência da geração sénior é uma dependência que pode, por vezes, parecer egoísta e exploradora,¹³ mas não nos podemos esquecer que esta dependência também é fortemente encorajada pela geração sénior. Além disso, nem todos os pais que pedem ajuda à geração

¹³ Yunkang Pan (2002) refere-se a esta relação de dependência como exploradora, dizendo que é equiparável a “(tratar a geração sénior como) vacas com leite inesgotável, e (vendo-se como) cordeiros que nunca crescem” (CP: *ji bu wan nai de niu, zhang bu da de gaoyang*, 挤不完奶的牛, 长不大的羔羊).

mais velha o fazem por razões egoístas. Aceitar o apoio da geração mais velha permite aos pais da geração do meio se concentrarem no trabalho de ganhar dinheiro para sustentar a família, um dever parental que consideram ainda mais importante do que o dever parental de cuidar e educar no quotidiano. Isto já era verdade na década de 1980 quando os residentes da aldeia de Vale da Harmonia começaram a deixar o município para ir procurar trabalho na cidade, e continua a ser verdade ainda hoje, numa altura em que os níveis de migração laboral se mantêm elevados e as famílias locais enfrentam pressões económicas crescentes devido ao aumento do custo de vida.

Para as mães da geração do meio, o compromisso com o dever parental de ganhar dinheiro fora da aldeia para sustentar a família é particularmente claro quando analisamos a história recente das práticas de desmame. Nas décadas de 1960 e 1970, as mães não paravam de amamentar as suas crianças até estas terem dois ou três anos de idade (com algumas variações dependendo do género da criança), e as mulheres mais velhas da aldeia têm imagens bastante vívidas de crianças de cinco anos a ser amamentadas pelas suas mães nos campos de arroz em simultâneo com outra criança mais pequena. O processo de desmame, no caso das mães trabalhadoras migrantes, é muito diferente. Estas mães começam a desmamar as suas crianças por volta dos três a seis meses, e a partir daí, os bebés são alimentados exclusivamente com canja de arroz e (desde o final da década de 1990) com leite de fórmula industrial. Nas décadas de 1960 e 1970, a amamentação prolongada era considerada uma boa opção pois era acessível e não perturbava a capacidade da mãe de trabalhar nos campos. Este trabalho agrícola era flexível e era feito na proximidade da aldeia, pelo que a mãe podia continuar em contacto próximo com a criança. Hoje, a amamentação prolongada não é considerada uma boa opção porque a maioria das mães tem longas jornadas em fábricas ou em empresas hortícolas. Este tipo de trabalho não é muito flexível e requer a separação física da mãe e da criança.

É certo que a maioria das mães trabalhadoras migrantes prefeririam ficar perto das suas crianças e passar mais tempo com elas, mas como me disseram várias mães de diferentes gerações, esta opção nem sempre é possível porque as mães que se encontram a trabalhar na cidade têm de retornar ao trabalho o mais rápido possível após o parto.¹⁴ Além disso, é difícil para a geração mais velha ir para a cidade ajudar a tomar conta das crianças, uma vez que os avós têm geralmente várias noras que precisam de ajuda e

¹⁴ Para uma comparação com a situação de mães de classe operária em Hong Kong nos anos 1990, ver D. Martin 1997.

porque muitos avós não conseguem viver longe da aldeia por um longo período de tempo (alguns não conseguem mesmo aguentar a viagem de autocarro para a cidade devido aos enjoos). Há ainda um outro fator importante. As mães trabalhadoras migrantes preferem deixar as suas crianças na aldeia ao cuidado dos avós porque o ambiente da aldeia é considerado mais apropriado para crianças do que o ambiente das zonas periurbanas das cidades onde trabalham e residem as mães. Logo em 1999, por exemplo, duas crianças de quatro e cinco anos foram encontradas mortas por afogamento nos canais de irrigação navegáveis que faziam fronteira com os terrenos das quintas de cultivo de legumes arrendados por migrantes de Flor Amarela, em zonas periurbanas de Guangzhou. Acidentes como este podem acontecer em qualquer lugar, mas as pessoas de Flor Amarela consideram que é mais fácil estes acidentes acontecerem na cidade porque é um lugar onde as pessoas são frequentemente indiferentes ao que acontece aos seus vizinhos. Estas tragédias causaram bastante impressão na comunidade de Flor Amarela e ajudaram a fortalecer o argumento que é melhor deixar as crianças na aldeia do que expô-las aos perigos e às incertezas do ambiente urbano.

Deixar as crianças com os avós paternos não é uma forma de abandono, como assumido por especialistas e defensores de modelos de parentalidade / maternidade intensiva (Li et al. 2015). A maioria dos pais trabalhadores migrantes julga que está a fazer o melhor pelas suas crianças e não considera que esteja a renunciar aos seus deveres e responsabilidades parentais. Estes pais e mães não estão a participar no trabalho parental de cuidar e educar as suas crianças no quotidiano, mas tomam parte do trabalho parental de ganhar dinheiro para pagar comida, roupas, educação, entre outros. Na sua perspetiva, o trabalho da parentalidade, e mais genericamente o trabalho de criar crianças, pode ter diferentes papéis e pode ser partilhado por vários atores, pelo que quando os pais trabalhadores migrantes referem que estão a colocar os seus deveres parentais de sustentar a família primeiro que os seus deveres parentais de cuidar e educar crianças no quotidiano, significa que estão a trabalhar nas suas identidades parentais como responsáveis pelo sustento da família e não nas suas identidades parentais como responsáveis pelo cuidado e pela educação. Isto não significa que eles tenham completamente descartado a importância dos atos de cuidado e educação no quotidiano (por exemplo, quando as mães migrantes voltam à aldeia, elas estão ansiosas por dormir com as suas crianças e expressar amor maternal), mas elas preferem apresentar-se como “mães que sustentam a família” do que como “mães cuidadoras ou mães educadoras.”

Ambas as concepções de identidade parental / maternal contribuem para criar a criança, mas mantêm uma relação hierárquica. São as figuras parentais / maternais que se dedicam ao trabalho de sustentar a família que ocupam o lugar de “chefe” de família (C: *lou-baan*, 老闆, *lou-sai* 老細, *si-tau* 事头).

O Declínio da Autoridade da Geração Sénior

Quando falei com o avô Espírito Cintilante em janeiro de 2000, ainda não tinha conhecido pessoalmente a “chefe” de família, a sua terceira nora. Quando finalmente a conheci, algumas semanas mais tarde, tive a ocasião de observar que ela e Espírito Cintilante tinham uma relação muito boa e que foi essa a razão que justificou a sua escolha de ficar em casa do seu terceiro filho, aquando das negociações de divisão da família alguns anos antes. Espírito Cintilante confirmou esta leitura e disse-me que a sua terceira nora tomara a iniciativa de lhe comprar um novo par de calças por alturas do Festival da Primavera sem ele ter de pedir nada, caso se apercebesse que ele tinha apenas calças velhas com remendos. Intrigado, perguntei a Espírito Cintilante porque me tinha dito que tinha medo da sua nora. A resposta foi bastante esclarecedora:

*Quando era miúdo [nas décadas de 1940 e 1950], os mais velhos estavam encarregados dos assuntos familiares. Era o dever dos pais organizar os casamentos de todos os filhos/as, e a divisão da família [indivisa patrilinear] era adiada até todos os filhos-varão estarem casados. À medida que os filhos se casavam e as respetivas mulheres se estabeleciam na aldeia, era fácil ver que elas tinham medo das suas sogras... Quando chegou a altura de me casar e ter crianças [nas décadas de 1960 e 1970], a geração mais velha ainda tinha autoridade [C: *a-gung leung-gung-po wa-si*, 阿公两公婆话事] e as noras eram instruídas pela sogra da família a tomar conta das crianças. Havia, com certeza, muitos incidentes entre gerações, mas existia pressão comunitária para que se mostrasse respeito pela geração sénior. Atualmente a situação mudou. As aldeias estão vazias. Toda a gente está longe da aldeia a ganhar dinheiro. Já não há mais pressão comunitária, e as velhas regras de divisão familiar já não se aplicam. Os filhos-varão estabelecem os seus próprios “fogões” [agregados familiares] independentes pouco depois de se casarem e enquanto se preparam para ir para a cidade para trabalhar e ganhar dinheiro. Os mais velhos já não estão no comando. As noras estão no comando e são elas agora a instruir os mais velhos a tomar conta das crianças.*

Os jovens não estão apenas a dizer aos mais velhos o que fazer; eles também estão a instruir os mais velhos a fazer o trabalho com um orçamento muito baixo:

As noras gostam de dizer que trabalham arduamente na cidade para enviar dinheiro para a aldeia para pagar todas as despesas, mas não é isso que acontece. Os mais velhos estão a queixar-se que não recebem dinheiro suficiente. Não estou a referir-me a dinheiro de bolso, mas a dinheiro para sobreviver. A maioria [dos avós] tem de cultivar a terra para ter comida... Nós já alcançamos uma idade avançada, mas não estamos a ser cuidados pelos nossos filhos [como era suposto acontecer]. Já trabalhámos arduamente para criar as nossas crianças, mas isso não foi suficiente... temos ainda de trabalhar arduamente para criar as crianças dos nossos filhos. A geração mais velha está a enfrentar muitas dificuldades.

Em março de 2012, cerca de doze anos depois desta conversa, encontrei-me uma vez mais com Espírito Cintilante, desta feita na casa de um parente agnático próximo na aldeia, o velho Augúrio Esplêndido, e a sua mulher Terceira Irmã, uma avó analfabeta de setenta e dois anos que, como a maioria das avós de aldeia, está muito orgulhosa de ter dado banho a todos os seus netos quando estes eram bebés:

Nós temos seis netos [patrilaterais]. Todos os nossos três filhos-varão trabalham longe da aldeia... O nosso segundo filho é solteiro ainda; ele vive com o seu irmão mais novo e a mulher... Todos os nossos filhos cultivam legumes na cidade para ganhar dinheiro para a família; nós ficamos na aldeia a tomar conta das crianças. Nós já tomámos conta das quatro crianças do nosso filho mais velho [na década de 1990 e 2000]... Agora estamos a tomar conta das duas crianças do nosso filho mais novo, um menino e uma menina. O menino tem onze anos e frequenta a escola primária [quinto ano] na vila de Flor Amarela. A menina é ainda muito nova. Ela tem três anos e precisa de muitos cuidados. Recebemos ¥600–¥700 por mês para cuidar destas duas crianças. Não é muito dinheiro, mas muitos avós recebem ainda menos. A única maneira de conseguir sobreviver com tão pouco é poupar dinheiro em arroz, legumes, amendoins, milho, e gengibre, pelo que nós ainda estamos a cultivar os campos para ter comida para comer. No próximo ano vamos parar de cultivar arroz. Já estou meio cega [devido a cataratas] e já não consigo trabalhar com o meu marido nos campos. Nós queremos ajudar os nossos filhos [e as nossas noras], mas estamos a ficar demasiado velhos para fazer o que quer que seja.... Eu sei que os

meus filhos [e as nossas noras] nos dariam mais dinheiro mensalmente se pudessem, mas a verdade é que o dinheiro que estamos a receber neste momento não chega para encher o estômago. Ontem levei a menina de três anos ao médico para levar uma injeção porque estava doente. Só isso custou ¥50!

Apesar de os mais velhos se darem conta que estão a ser explorados, eles insistem na ideia que têm de continuar a dar apoio aos seus filhos (e noras). É claro que, na prática, este apoio acaba por gerar todo o tipo de fricções e contradições. É que os mais velhos não estão apenas a ser instruídos a tomar conta dos seus netos com um orçamento baixo, diz Terceira Irmã, os mais velhos também estão a ser repreendidos por não o fazerem da maneira certa:

Nos dias de hoje, as noras não têm de prestar atenção ao que dizem as mais velhas, e ninguém as critica quando nos tratam mal. Adoram dizer que não somos boas para nada e gostam de nos repreender por tudo e qualquer coisa... Dizem que somos velhas e “antiquadas” e que nem sequer sabemos tomar conta de crianças. Se tivessem bom senso, pensariam algo do género: “As mulheres mais velhas da aldeia já têm tanta experiência com crianças, como é que podem não saber tomar conta de crianças?” Mas não é isso que dizem. O que dizem é que somos “inúteis.”

Terceira Irmã deu um exemplo concreto:

Nós [eu e o meu marido] comemos muitas batatas-doces ao longo dos anos... Podemos mesmo dizer que sem batatas doces provavelmente não teríamos chegado aqui... Nós também demos muitas batatas-doces às nossas crianças [que cresceram nas décadas de 1960 e 1970] ...Não há nada de errado com batatas-doces. Elas nutrem as pessoas. Mas quando as nossas noras voltam à aldeia, criticam-nos por cozinharmos batatas-doces. Elas dizem que as batatas-doces não são saborosas e não são nutritivas o suficiente. E quando lhes damos uma taça de arroz em vez de batatas-doces, criticam-nos por não adicionar sal ou óleo suficiente...Às vezes também dizem que falta açúcar ou molho de soja na comida.... Eu não percebo o que elas querem... As pessoas da nossa geração não costumam adicionar açúcar ou molho de soja à comida, e não estão habituadas a adicionar muito sal e óleo. Basta um bocadinho de sal para dar sabor.... Hoje em dia parece que um bocadinho de sal não é suficiente. As nossas noras também querem que adicionemos glutamato monossódico, açúcar, e gengibre, entre outros. É possível que

cozinhar a comida desta maneira torne tudo mais saboroso... Mas a nossa economia [familiar] não o permite... É preciso dinheiro para cozinhar a comida com estas coisas todas... Quem paga estas coisas? Não são elas com certeza!”

Terceira Irmã diz ainda que a falta de respeito da geração do meio para com a geração sénior se está a repercutir no comportamento da geração júnior (os seus netos) que está a desafiar cada vez mais a autoridade dos avós. Os governantes do município de Flor Amarela invocam frequentemente a falta de autoridade da geração sénior como um fator importante por detrás de recentes políticas públicas e desenvolvimentos locais no sector da educação. A partir de 2008, o governo do município de Flor Amarela começou a promover a criação de jardins de infância e escolas primárias em regime de internato para dar mais apoio à educação das crianças locais, incluindo as crianças de pais migrantes. Estes desenvolvimentos estão ligados a mudanças mais amplas em políticas públicas nacionais de governança educacional que promovem a ideia de que a geração sénior não tem “qualidade” para assumir o dever parental de criar e educar crianças, especialmente crianças em idade escolar (Kipnis 2011; Kuan 2015). Estes discursos normativos têm se tornado cada vez mais difundidos na China sob a influência de um movimento educativo conhecido como “educação para a qualidade” (CP: *suzhi jiaoyu*, 素質教育), bem como sob o impacto de forças de profissionalização dentro do sector da educação.

A visão dominante na China de hoje é que a educação de crianças (começando na creche e infantário) deve ser integralmente colocada nas mãos de professores e outros especialistas profissionais. Esta ideologia de profissionalização estava já presente no período Maoísta, mas tem sido significativamente intensificada no período de Reforma com o aumento da literacia em massa e o desenvolvimento de um regime de educação mais competitivo, mais abrangente e mais intensivo (Kipnis 2011). Importa notar, no entanto, que a ênfase contemporânea na figura do especialista educacional está ligada a uma visão política do trabalho, género e família que é muito diferente da que prevalecia durante o período Maoísta (1949-1976). A prioridade política agora já não é facilitar a incorporação das mães de crianças pequenas no sector laboral formal, através do desenvolvimento de uma rede pública gratuita de cuidado e educação infantil. A prioridade política agora é pedir às mães que sejam “supermães” e que encontrem maneiras de lidar com o fardo duplo da família e do emprego, do trabalho reprodutivo e do trabalho produtivo. As mães devem continuar a trabalhar fora de casa, mas não devem

descurar o seu papel de educadoras, pois os especialistas de ensino não conseguem fazer tudo. O trabalho dos professores precisa de ser diariamente acompanhado pelos pais das crianças, e na prática, são as mães que se encarregam desta tarefa. Esta visão de parentalidade e maternidade intensiva insiste que uma boa mãe não irá colocar o trabalho de supervisão educativa das suas crianças na geração sénior, pois eles estão demasiado velhos e não são na realidade qualificados para fazer este trabalho. Em contextos urbanos de classe média, esta ideologia de parentalidade intensiva está a criar novas pressões entre mães trabalhadoras, levando-as a procurar novas formas de lidar com um regime de ensino altamente intensivo que combina longas horas escolares e aulas extracurriculares com uma carga pesada de trabalhos de casa (H. Zhang 2017; Zhong 2019).

A situação em municípios rurais como Flor Amarela é diferente da que caracteriza contextos de classe média urbana. As mães rurais não estão tão expostas a ideologias de parentalidade intensiva como as suas congéneres de classe média urbana. O principal impulsionador da “terceirização [do apoio parental] dos avós” em zonas rurais é a infraestrutura educacional. Começando na década de 2010, surgiu no município de Flor Amarela todo um conjunto de infraestruturas educacionais que incluem infantários e escolas primárias em regime de internato. A maioria das mães locais (incluindo mães migrantes) reage positivamente a este desenvolvimento. Nem todos os casais locais conseguem pagar os custos associados à frequência destas instituições, especialmente os infantários, mas é bastante claro que se trata de uma tendência em crescimento. Quando visitei Flor Amarela, em 2016 e 2017, reparei que um número crescente de crianças de aldeias locais (incluindo crianças de trabalhadores migrantes) frequentavam infantários na vila, e os meus amigos na aldeia de Vale da Harmonia disseram-me que estes infantários já se tornaram na nova norma local. Os avós (paternos) ainda estão envolvidos no trabalho de cuidar de crianças, sendo responsáveis por tarefas ligeiras como ir buscar as crianças ao infantário ou à escola, mas a geração mais velha já não tem o encargo de supervisionar as crianças durante o dia. Esta dinâmica de “terceirização [do apoio parental] dos avós” está ainda mais avançada no que diz respeito a crianças em idade escolar. Todas as escolas primárias locais que funcionavam ao nível da aldeia foram fechadas ou já não têm turmas em funcionamento após o quarto ano. Depois do quarto ano, as crianças têm de se matricular em regime de internato numa megaescola primária localizada na vila. Estas crianças passam grande parte do seu tempo na escola durante o

ano letivo, e vão para casa para ficar com os avós (ou com os pais, se estiverem por perto) apenas durante os fins de semana e feriados públicos.

Perguntei a várias mães da geração do meio, da aldeia de Vale da Harmonia, porque é o ensino em regime de internato na nova megaescola primária da vila uma boa solução educacional para as suas crianças. Muitas mães disseram-me que estão tão ocupadas com o trabalho que sustenta a família que não têm tempo para tomar conta das crianças. Precisam de ajuda, e preferem colocar as suas crianças a tempo inteiro sob o cuidado de profissionais (na escola) do que deixá-las sob o cuidado de avós “velhos” e “antiquados”. O apoio dos avós não custa dinheiro, mas os avós são demasiado velhos para serem bons educadores. Colocar as crianças numa escola em regime de internato é uma melhor opção, pois as crianças estão sob a monitorização de professores e educadores profissionais. Algumas mães referiram que prefeririam matricular as suas crianças numa escola na cidade, mas é demasiado caro. Frequentar a megaescola primária de Flor Amarela em regime de internato também é caro, mas a maioria das mães sente que é o seu dever dar às suas crianças a melhor educação possível. A opção de colocar as crianças numa escola em regime de internato também pode ser vista como uma forma de reduzir o trabalho da geração sénior, mas este ponto não deve ser exagerado. A maioria das famílias em Flor Amarela continua a depender da contribuição dos avós para o trabalho de parentalidade e cuidado de crianças. O apoio dos avós é crucial nos primeiros três anos de vida, e continua a ser importante depois da criança começar a frequentar a pré-escola e a escola primária, pois – como me foi dito repetidas vezes por várias mães locais – a maioria dos pais e mães da geração do meio de Flor Amarela está a trabalhar na cidade e está demasiado ocupada com o trabalho de ganhar dinheiro para ter tempo disponível para o trabalho quotidiano de educar e tomar conta de crianças.

Esta priorização do dever parental de ganhar dinheiro para sustentar as crianças sobre o dever parental de cuidá-las e educá-las sugere que as mães de Flor Amarela olham para a parentalidade / maternidade de forma diferente que as mães de classe média urbana. Estas últimas estão a trabalhar a tempo inteiro ao mesmo tempo que estão a construir a sua identidade como mães a partir de ideologias de parentalidade e maternidade intensiva que enfatizam a importância dos pais / mães participarem de forma ativa no trabalho prático de cuidar e educar a criança. As mães de Flor Amarela, pelo contrário, não parecem tão preocupadas com os seus deveres parentais de cuidadoras e educadoras. Elas parecem estar mais preocupadas com a sua capacidade de ganhar dinheiro para sustentar

a família e acham que não têm outra escolha a não ser delegar as tarefas maternas / parentais de cuidado e educação para pais / mães substitutos como avós, professores e educadores profissionais.

Este contraste tem implicações importantes nos debates recentes em estudos chineses em redor do trabalho do economista de desenvolvimento americano Scott Rozelle e a sua equipa do Programa de Ação de Educação Rural (REAP) na Universidade de Stanford. Numa série de artigos recentes amplamente debatidos na China,¹⁵ Rozelle e a sua equipa defendem que uma das melhores maneiras de reduzir a lacuna educativa entre as cidades e as zonas rurais é melhorar a qualidade do cuidado das crianças, pedindo às mães rurais que estão a trabalhar na cidade para regressarem a casa para poderem tomar conta das suas crianças. Muitos críticos da posição de Rozelle já notaram que pedir às mães trabalhadoras para voltar para casa e abandonar o seu papel de ganha-pão da família seria reproduzir a ideia de que apenas as mães são supostas de acarretar as responsabilidades e encargos da parentalidade e do cuidado. A maioria das mães jovens de Flor Amarela adicionariam que a proposta de Rozelle não faz sentido economicamente. Porque não partilhar o trabalho de maternidade com os avós e/ou outras figuras maternas de substituição quando as famílias rurais precisam do trabalho produtivo das mães jovens para conseguirem ganhar dinheiro suficiente para sustentar a família? Se estas mulheres não ajudarem os seus maridos a ganhar dinheiro, quem vai ajudar?

Uma Nova Ordem Patriarcal na Divisão do Trabalho Parental?

As práticas de criação de crianças de zonas rurais como Flor Amarela têm estado a mudar de forma bastante rápida desde a década de 1990, e esta transformação envolveu uma “reconfiguração” de estruturas e hierarquias patriarcais prévias. A migração laboral para a cidade teve um papel importante neste processo. Prefiro termos como “reconfiguração” a “colapso” porque não houve um colapso claro de estruturas familiares patriarcais, tal como não houve uma transição clara para um sistema familiar conjugal mais igualitário, no qual a parentalidade se tornou propriedade exclusiva do casal conjugal (heteronormativo).¹⁶ Esta narrativa de “triunfo da conjugalidade” (Yan 1997) foi desenvolvida na Europa ocidental e na América do Norte no final do século XIX e nas

¹⁵ Ver, por exemplo, Yue et al. 2016, Yue et al. 2017; Chang et al. 2019. Ver Normile 2017 para um bom sumário das descobertas de Rozelle na revista *Science*.

¹⁶ Goode 1963; Cowgill e Holmes 1972; Giddens 1991, 1992, 1999; Beck e Beck-Gernsheim 2002.

primeiras décadas do século XX, e começou a ganhar popularidade um pouco por todo o mundo no período pós-guerra, convertendo-se rapidamente no modelo global dominante para pensar o impacto de processos de modernização na família e para desenvolver políticas públicas de modernização da família (Thornton 2005). Na China, este modelo foi incorporado em vários programas nacionais de reforma e de engenharia social, primeiro sob a liderança do Presidente Mao Zedong, e mais tarde, sob a liderança do Presidente Deng Xiaoping e seus sucessores. Hoje, o modelo continua a ser usado pelo governo chinês como o caminho para o desenvolvimento e para a modernidade global (Greenhalgh 2010). Como todos os modelos, a narrativa do “triunfo da conjugalidade” tem tanto pontos fortes como tem limitações. Do lado positivo, ajuda a entender fenómenos como o declínio de poder da geração sénior e a crescente saliência cultural do individualismo afetivo; do lado negativo, não presta atenção suficiente a fenómenos importantes como a persistência da interdependência entre gerações e da noção de família patrilinear multigeracional e a persistência das desigualdades de género dentro da família.

O poder crescente da geração do meio em zonas rurais como Flor Amarela não deve ser conceptualizado como um “triunfo da conjugalidade” (Yan 1997, 2009), mas como uma reconfiguração de padrões pré-existentes de interdependência geracional e de género típicos de formações familiares patriarcais. Estas interdependências podem ser observadas em muitas outras partes do mundo sob a influência de tendências gerais no capitalismo neoliberal global que levam a um retraimento do apoio público ao trabalho reprodutivo (Attias-Donfut e Segalen 1998, 2002; Segalen 2001, 2009; Swartz 2009), mas elas não podem ser ignoradas na China porque aqui o trabalho de parentalidade há muito que está assente em estruturas colaborativas multigeracionais, pelo que a reestruturação económica das últimas décadas apenas levou a uma reconfiguração destas estruturas tradicionais de multiparentalidade. Há diferenças significativas na forma como este processo de reconfiguração ocorreu nas cidades e nas zonas rurais. Na China urbana, os casais da geração do meio têm menos crianças e as novas estruturas colaborativas de multiparentalidade envolvem ambos os pares de avós (paternos e maternos), mas em zonas rurais, como o município de Flor Amarela, no norte de Guangdong, os casais têm mais crianças e as novas estruturas colaborativas de multiparentalidade envolvem apenas os avós paternos porque continua a haver um forte enviesamento patrilinear.

Já era assim nas décadas de 1960 e 1970, mas a mudança para uma condição pós-agrária e um modo de vida centrado em migração laboral introduziu transformações

importantes a partir das décadas de 1980 e 1990. O trabalho de criar crianças na era da migração laboral continua a ser construído em redor de interdependências geracionais e de género dentro da família indivisa patrilinear, mas estas interdependências foram significativamente reconfiguradas. Isto originou novas formações de multiparentalidade, nas quais as avós (e os avôs) do lado paterno perderam autoridade parental, pois ficaram responsáveis pelo trabalho “feminino” de cuidado e de vigilância quotidiana, e as mães (e os pais) da geração do meio ganharam autoridade no sentido em que ficaram responsáveis pelo trabalho “masculino” de ganhar dinheiro para sustentar a família. Esta transformação revelou o empoderamento económico da geração do meio dentro da família, mas não levou ao colapso do “contrato intergeracional” (Croll 2006). O que aconteceu, pelo contrário, foi a emergência de uma nova configuração patriarcal, na qual as mães (e os pais) da geração do meio têm mais poder de barganha na negociação de interdependências geracionais patrilineares. Como a socióloga Deniz Kandiyoti (1988: 275) nota, “as barganhas patriarcais não são entidades intemporais ou imutáveis, mas são suscetíveis de transformações históricas que abrem novas zonas de luta e de renegociação nas relações entre géneros” – e também entre gerações.

Esta abertura de novas zonas de luta e de renegociação entre gerações tem inspirado as mães mais jovens a construir todo um novo sistema de valores éticos e noções de maternidade no contexto de mudanças maiores nas políticas públicas nacionais de governança da família e da educação. Estas mudanças foram moldadas por desenvolvimentos globais, tais como a emergência de um ambiente educativo cada vez mais competitivo, no qual as crianças enfrentam cada vez mais pressões para expandir as suas horas de estudo e as mães (e os pais) enfrentam cada vez mais pressões para adotar um papel mais ativo na educação das suas crianças. Na China, como em muitas outras partes do mundo, a gestão parental deste ambiente educativo competitivo é mediada por ideologias de parentalidade e maternidade intensiva. Esta ideia de que a presença ativa dos pais (das mães em particular) no cuidado e na educação das crianças é crucial para o desenvolvimento de crianças psicologicamente equilibradas e bem-sucedidas educacionalmente começou a tornar-se normativa em áreas urbanas nos anos 1990. Na década de 2000, já havia uma nova geração de especialistas psicológicos e educacionais a publicar livros populares sobre a nova ciência da parentalidade e o campo de desenvolvimento psicológico das crianças (Kuan 2015; Naftali 2016). Estes discursos rapidamente se tornaram influentes e inspiraram a emergência de debates públicos a nível

nacional sobre as práticas educativas “inadequadas” de trabalhadores migrantes que estavam a deixar as suas crianças para trás (Duan e Yang 2008; Nie et al. 2008). Nestes debates, o fenómeno de “crianças deixadas para trás” é frequentemente retratado como um enorme problema social que precisa de ser erradicado através da imposição de um novo modelo educativo mais “civilizado” assente em práticas de parentalidade e maternidade intensiva.

A maioria das mães da geração do meio de Flor Amarela tem uma atitude ambivalente relativamente a este modelo de parentalidade e maternidade intensiva. É verdade que as mães de Flor Amarela estão preocupadas com a educação das suas crianças e querem seguir os modelos de educação mais avançados, mas também é verdade que elas necessitam de ter os pés bem assentes na terra e dar prioridade ao trabalho de ir para a cidade ganhar dinheiro para sustentar a família. Estas mães favorecem um modelo de parentalidade / maternidade que é menos baseado no trabalho quotidiano de cuidado e de educação do que no trabalho quotidiano de ganhar dinheiro para sustentar a família. Este modelo de parentalidade / maternidade não é apenas o resultado de necessidade económica; é uma escolha moral. As mães olham para o trabalho de ganhar dinheiro como uma forma superior de mostrar o seu amor parental / maternal, e não veem qualquer problema em delegar as tarefas de cuidado diário e educação para a geração sénior. Trata-se de uma escolha moral que colide com a orientação geral do discurso de parentalidade intensiva dominante na China e globalmente, discurso esse que coloca o monopólio do cuidado parental de forma muito estreita no casal da família nuclear tradicional e que — como vimos com as propostas da equipa de Scott Rozelle — acaba por contribuir para a reprodução de divisões de género tradicionais que atribuem às mulheres a maior fatia do trabalho reprodutivo dentro da família.

Promover estas divisões de género tradicionais é um passo atrás na luta pela emancipação das mulheres e da sua capacidade — para parafrasear uma frase famosa de Mao Zedong — de sustentar metade do céu, mas é este tipo de desigualdades de género que está a ser promovido um pouco por todo o mundo pelo desinvestimento global em infraestruturas públicas de cuidado infantil sob a influência do sistema capitalista neoliberal e sua conceptualização do cuidado de crianças como algo centrado na família nuclear tradicional e mediado por soluções de mercado (Fraser 2023; Care Collective 2020). Como é que as mulheres da geração do meio de Flor Amarela estão a reagir a esta dinâmica global de neoliberalização do cuidado infantil? Quando colocam as suas

crianças sob o cuidado da geração sénior, estas mulheres estão a resistir às forças neoliberais que atribuem às mulheres a maior fatia do trabalho reprodutivo dentro da família nuclear. Mas as mesmas mulheres também estão a aceitar os modelos neoliberais de parentalidade / maternidade intensiva quando favorecem uma estratégia de educação infantil que passa por aumentar o tempo de contacto das suas crianças com educadores e instituições profissionais como infantários e escolas em regime de internato. Ao favorecerem a externalização do trabalho parental dos avós para serviços comercializados fora da família, as mulheres da geração do meio estão a dizer que querem continuar a construir a sua identidade parental / maternal em redor do trabalho de ganhar dinheiro para sustentar a família, mas o sucesso desta estratégia depende da qualidade dos serviços e das possibilidades económicas de cada família.

Nem todos os casais locais conseguem suportar os custos de matricular as suas crianças num infantário ou de ter as suas crianças a comer e a dormir numa escola primária em regime de internato, mas é bastante claro que estas práticas estão a tornar-se populares. Os avós (paternos) são ainda componentes importantes das tecnologias locais de multiparentalidade, prestando apoio crucial nos primeiros três anos de vida da criança e até mesmo quando a criança entra no infantário e na escola primária, mas os avós já não estão tão ocupados a cuidar de crianças como estavam quando conheci pela primeira vez Espírito Cintilante, entre 1999 e 2000. Um fator importante aqui é o facto dos avós (paternos) de hoje terem menos netos (patrilaterais) em média do que a geração de Espírito Cintilante devido ao declínio da fertilidade por casal. Outro fator de relevo é o aumento do tempo de contacto das crianças locais com educadores profissionais. Muitas crianças entre os três e os seis anos de idade estão a passar uma parte significativa do dia no infantário, e muitas crianças entre os seis e os doze anos de idade estão a passar uma parte significativa do seu tempo diário e semanal a viver na escola em regime de internato. Estas crianças passam muito menos tempo em casa e na aldeia do que no tempo de Espírito Cintilante, reduzindo, portanto, o tempo passado com os avós.

A maioria das mães jovens de Flor Amarela olha para este desenvolvimento de uma forma positiva, em grande parte devido à influência crescente de ideologias urbanas de parentalidade / maternidade intensiva. Antes da década de 2000, a maioria das mães jovens de Flor Amarela não questionava a prática de deixar as suas crianças na aldeia sob o cuidado da geração mais velha. Os avós (paternos) eram considerados componentes cruciais das estruturas multigeracionais locais de multiparentalidade. As mães (e os pais)

não tinham tempo para cuidar das crianças, pois estavam demasiado ocupados a trabalhar na cidade por forma a ganhar dinheiro para sustentar a família. Era a geração sénior que tinha de ajudar a cuidar dos “pequenos mosquitos” mencionados no início deste artigo. Com a virada do milénio, uma mudança importante ocorreu nas tecnologias locais de multiparentalidade. As mães e os pais da geração do meio continuam a concentrar-se no trabalho de ganhar dinheiro para sustentar a família e delegam o trabalho quotidiano de cuidado, vigilância, e educação para outros, mas os avós já não têm um papel tão central. São as mães e os pais que preferem deixar as suas crianças nas mãos de educadores profissionais (em infantários ou em escolas primárias em regime de internato) em vez de deixá-los com os avós que são considerados demasiado “velhos” e “antiquados” para serem bons educadores. As mães e os pais da geração do meio continuam a depender de tecnologias de multiparentalidade para tomar conta das suas crianças, mas agora são os educadores profissionais, que trabalham para instituições públicas e privadas, que estão a assumir o protagonismo como figuras maternais de substituição, contribuindo para a construção de um modelo mais intensivo de educação de crianças que envolve atividades educacionais estruturadas e que está a gerar todo um conjunto de riscos e vulnerabilidades (ainda por analisar) para as crianças de municípios rurais como Flor Amarela.

Referências

- ATTIAS-DONFUT, Claudine, e Martine SEGALEN (2002) «The Construction of Grandparenthood» *Current Sociology* 50: 281–94.
- ATTIAS-DONFUT, Claudine, e Martine SEGALEN (1998) *Grand-parents: La Famille à Travers les Generations*. Paris: Odile Jacob.
- BADINTER, Elisabeth (1981) *The Myth of Motherhood: A Historical View of the Maternal Instinct*. London: Souvenir Press.
- BECK, Ulrich, e Elisabeth BECK-GERNSHEIM (2002) *Individualization: Institutionalized Individualism and Its Social and Political Consequences*. London: Sage.
- BIJKER, Wiebe E. (2010) «How Is Technology Made? That Is the Question!» *Cambridge Journal of Economics* 34 (1): 63–76.
- BOURDIEU, Pierre (1992) *Language and Symbolic Power*. Cambridge, MA: Polity Press.
- BOURDIEU, Pierre (1980) *Le Sens Pratique*. Paris: Les Editions de Minuit.

- BOURDIEU, Pierre (1977) *Outline of a Theory of Practice*. New York: Cambridge University Press.
- BRAY, Francesca (2013) *Technology, Gender and History in Imperial China: Great Transformations Reconsidered*. New York: Routledge.
- BRAY, Francesca (2009) «Becoming a mother in Late Imperial China: maternal doubles and the ambiguities of fertility», in BRANDTSTÄDTER, Susanne and SANTOS, Gonçalo (coords), pp. 181-203, *Chinese kinship. Contemporary Anthropological Perspectives*. London: Routledge.
- BRAY, Francesca (1997) *Technology and Gender: Fabrics of Power in Late Imperial China*. University of California Press.
- BROWN, Melissa. (2017) «Dutiful Help: Masking Rural Women's Economic Contributions», In SANTOS, Gonçalo and HARRELL, Stevan (coords), pp. 39-58, *Transforming Patriarchy: Chinese Families in the Twenty-First Century*. Seattle: University of Washington Press.
- CARE COLLECTIVE (2020) *The Care Manifesto. The Politics of Interdependence*. Verso.
- CHANG, Fang et al. (2019) «Understanding the Situation of China's Left-Behind Children: A Mixed-Methods Analysis» *Developing Economies* 57 (1): 3–35.
- CHEN, Feinian e LIU Guangya (2012) «The Health Implications of Grandparents Caring for Grandchildren in China» *The Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences* 67 (1): 99-112.
- CHEN, Feinian, LIU Guangya e MAIR, Christine A. (2011) «Intergenerational Ties in Context: Grandparents Caring for Grandchildren in China» *Social Forces* 90 (2): 571–594.
- CHINANNEWS.COM (2015) «Baipishu cheng Zhongguo jin qianwan liushou ertong 'yiniandaotou jianbudao ba ma'» («Livro branco diz que a China tem perto de 10 milhões de crianças deixadas para trás que estão um ano sem ver os pais»). www.chinanews.com/gn/2015/06-18/7353603.shtml. 18 de junho de 2015, acessado a 22 de julho de 2015.
- CHOI, Susanne Y. P. e PENG, Yinni (2016) *Masculine Compromise: Migration, Family, and Gender in China*. Berkeley: University of California Press.
- COHEN, Myron L. (1976) *House United, House Divided: The Chinese Family in Taiwan*. New York: Columbia University Press.

- CONG, Zhen e SILVERSTEIN, Merril (2012) «Custodial Grandparents and Intergenerational Support in Rural China», In MEHTA, Kalyani K. e THANG, Leng Leng (coords), pp. 109-128, *Experiencing Grandparenthood: An Asian Perspective*. Dordrecht, Netherlands: Springer.
- CONSTABLE, Nicole (2018) «Assemblages and Affect: Migrant Mothers and the Varieties of Absent Children» *Global Networks* 18 (1): 168–85.
- COWAN, Ruth S. (1983) *More Work for Mother: The Ironies of Household Technology from the Open Hearth to the Microwave*. New York: Basic Books.
- COWGILL, Donald O., e HOLMES, Lowell D. eds. (1972) *Aging and Modernization*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- CROLL, Elisabeth J. (2006) «The Intergenerational Contract in the Changing Asian Family» *Oxford Development Studies* 34 (4): 473–91.
- DOUGLAS, Susan e MICHAELS, Meredith (2004) *The Mommy Myth: The Idealization of Motherhood and How It Has Undermined Women*. New York: Simon and Schuster.
- DU, Fenglian e DONG, Xiao-yuan (2013) *Women's Labor Force Participation and Childcare Choices in Urban China during the Economic Transition*. University of Winnipeg, Department of Economics, Working Paper 2010-04.
- DUAN, Chenrong, e YANG, Ge (2008) «The Situation of the Left-Behind Children in Rural China». In Woguo Nongcun Liu Shou Ertong Zhuang Kuang Yan Jiu. *Population Research (Ren Kou Yan Jiu)* 32 (3): 15–25.
- EHRENREICH, Barbara e ENGLISH, Deirdre (1979) *For Her Own Good: 150 Years of the Experts' Advice to Women*. New York: Anchor Books.
- EYFERTH, Jacob (2009) *Eating Rice from Bamboo Roots: The Social History of a Community of Handicraft Papermakers in Rural Sichuan, 1920–2000*. Harvard East Asian Monographs, Cambridge, MA.
- FAIRCLOTH, Charlotte, HOFFMAN, Diane e LAYNE, Linda (eds) 2013. *Parenting in Global Perspective: Negotiating Ideologies of Kinship, Self and Politics*. New York, Routledge.
- FEI Xiaotong (1948). *乡土中国 (Xiangtu Zhongguo)*. [China Rural]. Shanghai: Guancha.
- FNMC (Federação Nacional de Mulheres da China) (2013) “Woguo nongcun liushou

ertong, chengxiang liudong ertong zhuangkuang yanjiu baogao” («Relatório de investigação sobre a situação das crianças deixadas para trás e das crianças migrantes das zonas rurais da China). *Zhongguo Funü Xinwen (China Women's News)*. Acedido a 6 de fevereiro de 2016

<http://acwf.people.com.cn/n/2013/0510/c99013-21437965.html>

FONG, Vanessa (2004) *Only Hope: Coming of Age Under China's One-Child Policy*. Stanford University Press.

FRASER, Nancy (2023) *Cannibal Capitalism: How our System is Devouring Democracy, Care, and the Planet – and What We Can Do About It*. Verso.

FUREDI, Frank (2002) *Paranoid Parenting: Why Ignoring the Experts May Be Best for Your Child*. Chicago: Chicago Review Press.

GATES, Hill (2015) *Footbinding and Women's Labor in Sichuan*. Routledge.

GIDDENS, Anthony (1999) *Runaway World: How Globalization Is Reshaping Our Lives*. London: Profile Books.

GIDDENS, Anthony (1992) *The Transformation of Intimacy: Sexuality, Love, and Eroticism in Modern Societies*. Cambridge, MA: Polity Press.

GIDDENS, Anthony (1991) *Modernity and Self-Identity: Self and Society in the Late Modern Age*. Stanford, CA: Stanford University Press.

GOH, Esther (2011) *China's One-child Policy and Multiple Caregiving: Raising Little Suns*. Routledge.

GOODE, William (1963) *World revolution and family patterns*. New York: Free Press.

GOODY, Esther N. (1982) *Parenthood and Social Reproduction: Fostering and Occupational Roles in West Africa*. Cambridge: Cambridge University Press.

GOTTLIEB, Alma (2009) “Who Minds the Baby? Beng Perspectives on Mothers, Neighbours, and Strangers as Caretakers”. In BENTLEY, Gillian and MACE, Ruth (coord), pp. 115-318, *Substitute Parents: Biological and Social Perspective on Alloparenting across Human Societies*. New York: Berghahn Books.

GOTTSCHANG Suzanne (2018) *Formulas for Motherhood in a Chinese Hospital*. University of Michigan Press.

GOTTSCHANG Suzanne (2007) “Maternal Bodies, Breast-Feeding, and Consumer Desire in Urban China”, *Medical Anthropology Quarterly* 21: 64–80.

GREENHALGH, Susan (2010) *Cultivating Global Citizens: Population in the Rise of China*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

- HARDYMENT, Christina (1995) *Perfect Parents. Baby-Care Advice Past and Present*. Oxford: Oxford University Press.
- HARRELL, Stevan (n.d.) «Patriliney, Patriarchy, Patrimony: Surface Features and Deep Structures in the Chinese Family System». Manuscrito. Disponível na página pessoal do autor <https://faculty.washington.edu/stevehar/PPP.html>
- HARRELL, Stevan e SANTOS, Gonçalo (2017) «Introduction» In HARRELL, Stevan e SANTOS, Gonçalo (coord.), pp. 3-36, *Transforming Patriarchy. Chinese Families in the Twenty-First Century*. Seattle: University of Washington Press.
- HARRELL, Stevan, YUESHENG, Wang, HAN Hua, SANTOS, Gonçalo D. Santos, and ZHOU Yingying (2011) «Fertility decline in rural China: a comparative analysis» *Journal of Family History* 36 (1): 15-36.
- HAYS, Sharon (1996) *The Cultural Contradictions of Motherhood*. New Haven, CT: Yale University Press.
- HERSHATTER, Gail (2011) *The Gender of Memory: Rural Women and China's Collective Past*. Berkeley: University of California Press.
- HRDY, Sarah (2009) *Mothers and Others: The Evolutionary Origins of Mutual Understanding*. Cambridge, MA: Belknap Press of Harvard University Press.
- JING, Jun (ed.) (2000) *Feeding China's Little Emperors: Food, Children, and Social Change*, Stanford University Press.
- KANDIYOTI, Deniz (1988) «Bargaining with patriarchy» *Gender and Society* 2 (3): 274-290.
- KIPNIS, Andrew (2011) *Governing Educational Desire: Culture, Politics, and Schooling in China*. Chicago: University of Chicago Press.
- KU, Hok Bun (2003) *Moral Politics in South Chinese Village: Responsibility, Reciprocity and Resistance*. Lanham, MD: Rowman and Littlefield.
- KUAN, Teresa (2015) *Love's Uncertainty: The Politics and Ethics of Child Rearing in Contemporary China*. Berkeley: University of California Press.
- LI, Yifei, et al. 2015. “Zhongguo Liushou Ertong Xinling Zhuangkuang Baipishu (2015 Nian)” (The Mental Condition of China's Left-behind Children [Year 2015]). White paper, Shangxue Lushang Ertong Xinling Xinling Guanai Zhongxin (On the Road to School Center for the Mental Care of Children), Beijing.
- MARTIN, Diana (1997) «Motherhood in Hong Kong: The Working Mother and Childcare in the Parent-Centred Hong Kong Family», In EVANS, Grant e TAM,

- Maria (coord.), pp. 198-221, *Hong Kong: The Anthropology of a Chinese Metropolis*. London: Curzon Press.
- MEAD, Margaret e WOLFENSTEIN, Martha (eds.) (1955) *Childhood in Contemporary Cultures*. Chicago: University of Chicago Press.
- MOL, Annemarie (2008) *The Logic of Care: Health and the Problem of Patient Choice*. Abingdon, UK: Routledge.
- MOL, Annemarie, MOSER, Ingunn e POLLS, Jeannette, eds. (2015) *Care in Practice: On Tinkering in Clinics, Homes and Farms*. New York: Columbia University Press.
- MURPHY, Rachel (2020) *The Children of China's Great Migration*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- NAFTALI, Orna (2016) *Children in China*. Cambridge, UK: Polity Press.
- NIE Mao [聂茂] et al. (2008) *Shangcun (伤村)*. Renmin ribao chubanshe.
- NORMILE, Dennis (2017) «One in Three Chinese Children Faces an Education Apocalypse: An Ambitious Experiment Hopes to Save Them» *Science Magazine*, September 21. Acedido a 8 de janeiro de 2019:
www.sciencemag.org/news/2017/09/one-three-chinese-children-faces-education-apocalypse-ambitious-experiment-hopes-save
- ORTNER, Sherry B. (2006) *Anthropology and Social Theory: Culture, Power, and the Acting Subject*. Durham, NC: Duke University Press.
- ORTNER, Sherry B. (1995) «Resistance and the Problem of Ethnographic Refusal» *Comparative Studies in Society and History* 37 (1): 173–93.
- OXFELD, Ellen (2017) *Bitter and Sweet: Food, Meaning, and Modernity in Rural China*. Berkeley: University of California Press.
- OXFELD, Ellen (2010) *Drink Water but Remember the Source: Moral Discourse in a Chinese Village*. Berkeley: University of California Press.
- PAN, Yunkang (2002) *Jiating Shehuixue (Family Sociology)*. Beijing: Zhongguo Shehui Chubanshe.
- POTTER, Jack M. e POTTER, Sulamith H. (1990) *China's Peasants: The Anthropology of a Revolution*. Cambridge University Press.
- ROGOFF, Barbara (2003) *The Cultural Nature of Human Development*. Oxford: Oxford University Press.
- SANTOS, Gonçalo D. (2021) *Chinese Village Life Today. Building Families in an Age*

- of Transition*. University of Washington Press.
- SANTOS, Gonçalo D. (2016) «On Intimate Choices and Troubles in Rural South China» *Modern Asian Studies* 50 (4): 1298–1326.
- SANTOS, Gonçalo D. (2013) «Technologies of ethical imagination» In STAFFORD, Charles, coord. *Ordinary Ethics in China*. London: Bloomsbury (LSE Monographs in Social Anthropology).
- SANTOS, Gonçalo D. (2011) «Rethinking the Green Revolution in South China: Technological Materialities and Human-Environment Relations» *East Asian Science, Technology and Society* 5:479–504.
- SANTOS, Gonçalo D. (2009) «The ‘Stove-Family’ and the Process of Kinship in Rural South China» In BRANDTSTÄDTER, Susanne e SANTOS, Gonçalo, coord. pp. 112-136, *Chinese Kinship: Contemporary Anthropological Perspectives*. Abingdon, UK: Routledge.
- SANTOS, Gonçalo D. (2006) «Os ‘Camponeses’ e o ‘Imperador’: Reflexões Etnográficas sobre Orizicultura Intensiva e Estratificação Social no Sudeste da China» *Etnográfica* 10 (1): 41–70.
- SANTOS, Gonçalo D. (2004) *The Process of Kinship and Identity in a Common-Surname Village in Southeastern China*. Tese de Doutoramento. ISCTE-IUL, Lisboa
- SANTOS, Gonçalo e DONZELLI, Aurora (2009) «Rice Intimacies: Reflections on the ‘House’ in Upland Sulawesi and South China» *Archiv für Völkerkunde*, 57-58:37-64.
- SEGALEN, Martine (2009) «On Papies and Mammies: The Invention of a New Relative in Contemporary European Kinship» Goody Lecture, Max Planck Institute for Social Anthropology, Halle, Germany: www.eth.mpg.de/4423203/Goody_Lecture_2016.pdf
- SEGALEN, Martine (2001) «The Shift of Kinship Studies in France: The Case of Grandparenting» In FRANKLIN, Sarah e MCKINNON, Susan, coord., pp. 246-275, *Relative Values: Reconfiguring Kinship Studies*. Durham, NC: Duke University Press.
- SHI, Lihong (2017) *Choosing Daughters: Family Change in Rural China*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- SILVERSTEIN, Merrill, CONG Zhen e LI Shuzhuo (2007) «Grandparents Who Care for Their Grandchildren in Rural China: Benefactors and Beneficiaries». In COOK, Ian G. e POWELL, Jason L., pp. 49-71, *New Perspectives on China and Aging*. New

York: Nova Science Publishers.

- SILVERSTEIN, Merril, CONG Zhen e LI Shuzhuo (2006) «Intergenerational Transfers and Living Arrangements of Older People in Rural China: Consequences for Psychological Well-Being» *Journal of Gerontology: Social Sciences* 61 (5): S256–266.
- SKINNER, G. William (2003) «Family and Reproduction in Southeastern China: A Comparison of Cantonese, Hakka, and Yao» *Asian Anthropology*, no. 2, 1–47.
- SKINNER, G. William (1997) «Family Systems and Demographic Processes». In KERTZER, D. I. e FRICKE, T. E. coord., pp. 53-95, *Anthropological Demography: Toward a New Synthesis*. Chicago: University of Chicago Press.
- STAFFORD, Charles (1995) *The Roads of Chinese Childhood: Learning and Identification in Angang*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- STOCKMAN, Norman, BONNEY, Norman e SHENG Xuewen (1995) *Women's Work in East and West: The Dual Burden of Employment and Family Life*. UCL Press.
- SWARTZ, Teresa T. (2009) «Intergenerational Family Relations in Adulthood: Patterns, Variations, and Implications in the Contemporary United States» *Annual Review of Sociology* 25:191–212.
- THORNTON, Arland (2005) *Reading History Sideways: The Fallacy and Enduring Impact of the Developmental Paradigm on Family Life*. Chicago: University of Chicago Press.
- TOPLEY, Marjorie (1974) «Cosmic Antagonisms: A Mother-Child Syndrome» In WOLF, Arthur, coord., pp- 233-250, *Religion and Ritual in Chinese Society*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- UNICEF (2020) *Country Office Annual Report China 2020*. Disponível online, Acedido a 28 de agosto de 2023: <https://www.unicef.org/media/100571/file/China-2020-COAR.pdf>
- WARD, Barbara (1970) «Temper Tantrums in Kau Sai: Some Speculations upon Their Effects». In MAYER, Philip, coord. *Socialization: The Approach from Social Anthropology*. London: Tavistock (Association of Social Anthropology Monographs) 107-125.
- WARNER, Judith (2006) *Perfect Madness: Motherhood in the Age of Anxiety*. New York: Riverhead Books.
- WATSON, James e WATSON, Rubie S. (2003). *Village Life in Hong Kong. Politics, Gender and Ritual in the New Territories*. Hong Kong: The Chinese University of

Hong Kong.

WOLF, Margery (1985) *Revolution postponed. Women in contemporary China*. Stanford University Press.

WOLF, Margery (1972) *Women and the Family in Rural Taiwan*. Stanford University Press.

VEBLEN, Thorstein [1899] (1934) *The Theory of the Leisure Class*. New York: Penguin.

YAN, Yunxiang (2009) *The Individualization of Chinese Society*. London: Berg.

YAN, Yunxiang (1997) «The Triumph of Conjuality: Structural Transformation of Family Relations in a Chinese Village» *Ethnology* 36 (3): 191-212.

YUE, Ai, YAOJIANG Shi, RENFU Luo, CHEN, Jamie, GARTH, James, ZHANG, Jimmy, MEDINA, Alexis, KOTB, Sarah e ROZELLE, Scott (2017) «China's Invisible Crisis: Cognitive Delays among Rural Toddlers and the Absence of Modern Parenting» *China Journal* 78 (1): 50–80.

YUE, Ai, SYLVIA, Sean, YAOJIANG Shi, RENFU Luo e ROZELLE, Scott (2016) «The Effect of Maternal Migration on Early Childhood Development in Rural China» Working Paper, Freeman Spogli Institute for International Studies, Stanford University, California.

ZHANG, Hong (2017) «Recalibrating Filial Piety: Realigning the State, Family, and Market Interests in China» In SANTOS, Gonçalo e HARRELL, Stevan, coord., pp. 234-250, *Transforming Patriarchy: Chinese Families in the Twenty-First Century*. Seattle: University of Washington Press.

ZHANG, Jun (2019) *Driving Towards Modernity. Cars and the Lives of the Middle Class in Contemporary China*. Ithaca, NY: Cornell University Press.

ZHANG, Jun (2017) «(Extended) Family Car, Filial Consumer-Citizens: Becoming Properly Middle Class in Post-Socialist South China» *Modern China* 43 (1): 36–65.

ZHANG, Jun e SUN, Peidong (2014) «When Are You Going to Get Married? Parental Matchmaking and Middle-Class Women in Contemporary Urban China» In DAVIS, D. and FRIEDMAN, S, Coord., pp. 118-144, *Wives, Husbands, and Lovers: Marriage and Sexuality in Hong Kong, Taiwan, and Urban China*. Stanford, CA: Stanford University Press.

ZHONG, Yishan (2019) *Mothering with Mobile Communication Technologies in Urban China*. University of Hong Kong, Hong Kong, Dissertação de Mestrado.